

A creança, o anjo e flor

Quando morre uma creança, desce um anjo do ceo, toma-a nos braços, e desdobrando as azas immaculadas, vôa por cima de todos os sitios que ella amara durante a sua pequenina existencia; o anjo abaixa-se de quando em quando para colher flores, que leva a Deus, para que floresçam no paraíso ainda mais bellas do que tinham sido na terra. Deus recebe todas as flores, escolhe uma d'ellas, toca-a com os labios, e a flor escolhida, adquirindo voz immediatamente, começa a cantar os coros maviosos dos bem-aventurados. Ora escutae o que disse o anjo a uma creança morta, que o estava ouvindo como n'um sonho. Pairaram primeiro sobre a casa em que a creança brincára, e depois sobre jardins deliciosos, cobertos de flores.

«Qual é a flor que desejas para plantar no paraíso?» perguntou o anjo.

Havia n'esse jardim uma roseira que tinha sido direita, vigorosa, magnifica; mas quebraram-lhe o pé, e todos os seus ramos cheios de botõesinhos lindissimos pendiam estiolados para o chão.

«Pobre roseira! disse a creança ao anjo; vamos buscal-a para que possa reflorir no paraíso.» O anjo foi buscal-a, e abraçou a creança. Colheram muitas flores brilhantes, boninas humildes e violetas silvestres.

A colheita estava terminada, e comtudo não voavam ainda para Deus. Caiu a noite silenciosa, e a creança e o seu guia Divino andavam ainda por cima da grande cidade. Atravessaram uma das ruas mais estreitas, cheia de cacos de louça, de vidros partidos, de farrapos, de toda a casta de immundicie. Entre estes destroços distinguui o anjo um vaso de flores com a terra pelo chão, onde pendiam as longas raizes d'uma flor dos campos, já murcha, e que parecia não poder reverdecer: tinham-n'a atirado para a rua como inutil e morta.

«Vale a pena levantál-a disse o anjo; levemol-a, e pelo caminho, voando, te contarei a historia da florinha. Lá ao fundo, lá ao fundo, naquella rua estreita e tortuosa, morava um pequerrucho, uma creança miseravel e doente. Quando se sentia melhor, o mais que podia conseguir era passeiar com a ajuda das moletas ao longo de seu pequenino quarto. Em certos dias de verão os raios do sol visitavam-lhe a alcova, durante meia hora. Então a creança sentada á janella, aquecida pelo sol, sem o cansaço do andar, imaginava-se passeando; não conhecia da floresta, da fresca verdura da primavera, senão o ramo de faia, que uma vez o filho do visinho tinha colhido para elle. Suspendia por cima da cabeça o ramo verdejante, e,

suppondo-se debaixo das arvores abrigadas do sol, sonhava com o doce canto dos passarinhos. Um dia o filho do visinho trouxe-lhe flores do campo, e por acaso entre ellas appareceu uma que tinha ainda raizes; o pequerrucho plantou-a n'um vaso, e pol-o á janella, junto da cama. A flor plantada por mão abençoada, cresceu, tornou-se grande, e todos os annos dava novas flores. Era o seu jardimzinho, o seu unico thesouro n'este mundo; regava-a, tratava-a, adorava-a; fazia-lhe aproveitar os raios do sol até ao ultimo. A flor apparecia-lhe em sonhos, porque era para elle que floria, que espalhava o seu aroma e ostentava as suas côres; quando se sentiu morrer foi para ella que se voltou.

«Faz hoje um anno que esse pequerrucho habita no paraizo; a sua querida flor, esquecida á janella desde então, murchou, estiolou-se e atiraram-n'a à rua finalmente. E comtudo esta flor quasi secca é o thesouro do nosso ramilhete. Deu mais prazer e alegria do que todos os canteiros d'um jardim realengo.»

«Como sabes tu isso?» perguntou a creança, que o anjo levava para o céu.

— Sei-o, respondeu o anjo, porque era eu o pequenino doente que andava em moletas; como não havia de eu reconhecer a minha flor bem amada!»

A creança abriu os olhos, e viu a radiosa figura do anjo quando entravam no céu onde tudo era alegria e felicidade. Deus pegou nas flores, levou-as ao coração, mas a que elle beijou foi a florinha silvestre, despresada e murcha: a flor adquiriu voz immediatamente, poz-se a cantar com as almas que rodeiam o Creador, umas junto d'elle, outras ao longe, formando circulos que vão augmentando successivamente, multiplicando-se até ao infinito, voados de seres inteiramente felizes, cantando todos harmoniosamente — desde a creança abençoada até à humilde florinha do campo, levantada do lodo, d'entre os tristes despojos da rua sombria e tortuosa.